



VOZES DA EJA QUILOMBOLA: ESCUTAS EM CIRANDA

Leila Assis de Jesus¹

¹ Leila Assis de Jesus é Mestranda do ProfHistória UNEB, bacharel e licenciada em História pela Universidade Católica do Salvador; professora de História pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia e Professora de Anos Iniciais da Secretaria de Educação do município de Camaçari. E-mail: leilokaandrade1@gmail.com

EIXO TEMÁTICO 1: SUJEITOS DA EJA: INCLUSÃO, DIVERSIDADE E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

RESUMO

O presente texto é resultado analítico da experiência advinda de uma atividade, parte integrante, de um conjunto de ações inerentes ao edital 034/2025 da Fundação Apolônio Sales. Que, em parceria com a Universidade Federal Rural do Pernambuco e o Ministério da Educação, desenvolveram o projeto de Atualização das Diretrizes Nacionais da Educação de Jovens e Adultos -EJA. Integrei o projeto, como pesquisadora, aplicando a metodologia sugerida, a Ciranda do Diálogo. Foi explicitado nas orientações de trabalho que as cirandas seguem os princípios do educador Paulo Freire, ensejando fazer girar o fundamento da dialogicidade, propiciando uma participação cidadã das pessoas que integram a comunidade EJA, nos diferentes territórios do Brasil. Diante da realidade explicitada, escolhi para discussão a ciranda mediada na comunidade Quilombola do Monte Recôncavo, em São Francisco do Conde na Bahia com estudantes da EJA na Etapa I, ação que descrevo e sobre a qual reflito neste texto.

Os círculos de cultura derivam do método popularizado por Paulo Freire a partir da década de 60 para a instrução de jovens e adultos, continuam a ser pertinentes. No começo daquele decênio, existia uma enorme projeção e crença de que esses círculos se tornariam um poderoso instrumento para combater a elevada taxa de analfabetismo no país. Todavia, a implementação do golpe militar em 1964 provocou um significativo revés, impedindo que essa iniciativa fosse plenamente executada conforme o planejado. Assim, pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento ainda recorrem ao dispositivo com diferentes finalidades de pesquisa. Nesse caso, para um projeto de dimensão nacional, visando atualização das Diretrizes Nacionais da Educação de Jovens e Adultos -EJA, diferindo na nomenclatura e repetindo-se na forma, principalmente, no que concerne à perspectiva da escuta e do diálogo como meios de promover a participação cidadã e, portanto, democrática dos diversos sujeitos da EJA na atualização das Diretrizes.

Tal objetivo, suscita inquietações como: De que forma os estudantes da educação básica podem contribuir para a aprimoramento das Diretrizes Nacionais da Educação de Jovens e Adultos -EJA? De que maneira a escuta ativa dos estudantes de comunidades quilombolas pode contribuir com a revisão das diretrizes da EJA, fazendo-a inclusiva, contextualizada, com respeito às especificidades culturais e territoriais?



Diante de tais questões organizei a **ciranda de diálogo**. Em face da referência à Paulo Freire é importante historicizar, brevemente a prática da ciranda e posteriormente explicar o método aplicado no Monte Recôncavo.

No que tange à gênese histórica e aos fundamentos epistemológicos do círculo de cultura, Marinho (2009), em sua dissertação de mestrado na área de educação, delineia um panorama abrangente que ultrapassa o emprego original. A pesquisa demonstra que o círculo de cultura possui uma variedade de aplicações que vão muito além do método pioneiro inicialmente concebido por Paulo Freire para a alfabetização de jovens e adultos na década de 1960.

A autora detalha diversas experiências que ilustram a flexibilidade desse modelo **dialogico** e **horizontal**. Entre as inovações no uso do círculo de cultura, destacam-se: investigação educacional, sua utilização como um instrumento de pesquisa que favorece a reflexão e a construção coletiva do conhecimento em diversos campos da educação; organização de debates e fóruns, a aplicação como um formato estruturado para a realização de encontros e assembleias, promovendo a participação equitativa das vozes; formação continuada de docentes o emprego como um ambiente **colaborativo** para a capacitação e o aprimoramento profissional de educadores e educadoras, estimulando a troca de saberes práticos; análise de políticas públicas, função método para a deliberação sobre as políticas governamentais, garantindo a inclusão de diferentes perspectivas sociais, opção utilizada no projeto que faço parte.

Em suma, o trabalho de Marinho (2009) evidencia a versatilidade do círculo de cultura. Para Freire (1996, 2015, 2019), o círculo possibilitava que todos estivessem frente a frente, cada um com seus saberes, suas memórias, numa relação paritária. Cultura por sua vez, se refere a condição dos sujeitos em plena relação social com seus pares dentro dos seus territórios de pertencimento. No desenvolvimento das escutas, denominados Cirandas de Diálogos mantem-se uma perspectiva similar. Para Campana (2011) “A Ciranda é uma dança coletiva que, ao realizar-se, aboli discriminações de raça, gênero, faixa etária e condição cultural”, nesta perspectiva se desenvolveu a escuta, em paridade, numa ciranda onde todos os sujeitos presentes dialogam em prol de um objetivo, as Diretrizes Curriculares da EJA, girando na dança democrática. Dialógicas, para explicar a segunda palavra da sintagma nominal, recorro a Marinho (2009), afirmando que

[...] a base que fundamenta o Círculo de Cultura, numa visão antropológica freireana, é o diálogo. É na palavra pronunciada, que revela o mundo, que os participantes se fazem ao fazer e refazer o próprio mundo, a ação educativa. (Marinho, 2009, p.28)

Os diálogos, portanto, são os cernes das cirandas. É deles que emerge a subjetividade expressa no universo vocabular, que germinam dos territórios de pertencimento, revelando visões de mundo, perspectivas, esperanças e, portanto, currículos.

Atendendo a indicação do projeto, que nomeou as cirandas conforme o público, desenvolvi a “Ciranda do Chão da Escola – Roda de escuta com professores e estudantes em territórios plurais”. Uma das comunidades a qual obtive acesso e autorização para diálogo foi a quilombola do Monte Recôncavo em São Francisco do Conde, reconhecido em 2007 pela Fundação Cultural Palmares como território quilombola, o Monte Recôncavo é um espaço onde os moradores resguardam a herança cultural, as crenças e



os costumes ancestrais. A riqueza cultural da região se manifesta em sua culinária, religiosidade, tradições, narrativas e estilo de vida únicos. O Monte Recôncavo é o atual distrito de São Francisco do Conde, distante apenas 6 km da sede, e é composto pelos povoados de Paramirim, Coroadó, Vencimento, Almas e São José (conhecido como Engenho do Meio). Com cerca de 50,0 km², o distrito exibe um relevo singelo e uma estrutura urbana com traços próprios de pequenos núcleos coloniais (Andrade, 2013).

Neste espaço, fui atendida na única unidade escolar que atende EJA noturno, com devidas apresentações e diálogos prévios, expliquei a finalidade do projeto e iniciei a ciranda que contou com a participação de estudantes, professores e funcionários. Nesta ação, testemunhei o fluir das subjetividades ao obter respostas para a pergunta geradora: “Qual currículo você considera necessário para sua inserção no mundo do trabalho e para a participação em sua comunidade e na sociedade?”, essa pergunta, orientada pelo projeto, precisou de transposição didática. Portanto, modifiquei, para: Como a escola poderá te ajudar na sociedade? O que vocês desejam aprender na escola? As respostas que emergiram da pergunta exprimem as subjetividades dos sujeitos imersos na comunidade. Considerando a dimensão textual proposta, apresento as falas de dois estudantes, visando tematizá-las para além do dito. Nesta experiência, suas vozes são ouvidas para um projeto de atualização das Diretrizes curriculares da EJA.

[...] eu estou aqui no colégio. Agora, o meu desejo de verdade, de coração mesmo, é aprender. Eu não tive infância, eu não tive adolescência, minha vida sempre foi dura e eu não tive tempo nunca de estudar. Hoje eu tô uma pessoa já de idade, mas desejo que antes de eu bater as botas aprenda ler e escrever e chegar em algum lugar, saber onde estou sem precisar perguntar. Esse é o meu maior desejo. É maravilhoso, né? Eu sou nervoso desde quando eu me conheço. Aí tem coisa que eu pejejo, luto, luto, luto, mas toda a luta não dá em nada... meu filho me chamou para ir para São Paulo. E dentro da minha cabeça é assim: o que é São Paulo mesmo? As pessoas falam como se a gente soubesse tudo. É uma pejeja não saber. Acho que a escola tem que ensinar isso. Quero ir no banco e usar aquele cartão sem perguntar a ninguém. Acho que isso é ser gente. Quero usar aquele cartão como gente. Já sei escrever meu nome. Aprendi aqui... quando eu estava catando caranguejo no mangue, não precisava escrever meu nome. Caranguejo não quer saber meu nome, mas o povo do mundo quer. Eu preciso botar meu nome e o nome das coisas no papel. Se as coisas têm nome, tem que ter escrito também, né? É só isso que eu quero.

(A.S.N. 65 anos, estudante da EJA, Etapa I, Monte Recôncavo, São Francisco do Conde, Bahia)

A minha mãe antes de morrer, com 76 anos, não sabia ler, começou a ir pro colégio. (Aí vou chorar...pausa) Mas aprendeu a ler, ia pra igreja dela, via todo mundo lendo e ela sem saber ler. Quando aprendeu a ler, Deus levou.... e é muita, é muita coisa, muita, é muita agonia, muita agonia mesmo. Você, como ela falou, a gente para ir para um lugar, tem que pedir informação para um, para outro. Quando eu quero ir para Salvador, tenho que perguntar: ô cara , esse carro é Salvador? Se for mentira, o carro pode ir para outro canto, você saltar no lugar que você não conhece.... e alguém pode querer pegar, para fazer qualquer perversidade... E hoje em dia eu fico aqui só pensando, moro sozinho, sozinho não, moro eu e meu Deus, corro atrás do meu. Tudo que eu tenho foi Deus que me deu. Agradeço muito. Mas eu garanto a você que eu vou morrer feliz quando eu souber a ler.



(V.J.S. 67 anos, estudante da EJA, Etapa I, Monte Recôncavo, São Francisco do Conde, Bahia)

O primeiro relato escolhido, enuncia a dimensão possibilitada pela ciranda, provocando no sujeito a reflexão sobre seu espaço de pertencimento, seu percurso histórico, sua realidade existencial e as diferenças e necessidades de redimensionamento curricular para que a sua cidadania seja uma realidade. Respondendo, assim, às inquietações que permeavam as considerações iniciais.

O relato exprime várias dimensões cruciais sobre o currículo em comunidades quilombolas, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), explicito-as a seguir.

Relevância e significado social, o currículo deve ter um sentido prático e imediato na vida do estudante. O desejo de aprender a ler e escrever, de se localizar "saber onde estou sem precisar perguntar" e de usar o cartão no banco "sem perguntar a ninguém" revela que o currículo é visto como um meio para alcançar autonomia, dignidade e "ser gente" no mundo.

Desarticulação entre o saber local e o mundo globalizado, a fala sobre "o que é São Paulo mesmo?" e a necessidade de usar o cartão bancário indicam que há uma lacuna entre os saberes e práticas locais/tradicionais, como catar caranguejo, onde o nome não é necessário, e os saberes e demandas do "mundo" não-quilombola a sociedade urbana, a burocracia, a escrita. O currículo precisa fazer a mediação entre esses dois mundos.

Currículo como movimento de empoderamento e luta, a educação e o aprendizado são descritos como uma "luta" e um desejo que precisa ser realizado "antes de eu bater as botas". O currículo, nesse sentido, é um dispositivo para tratar questões das práticas sociais, para superar as dificuldades de uma "vida dura" e a falta de oportunidades.

Necessidade de um currículo contextualizado e funcional, que deve ir além da simples (necessária) alfabetização. O desejo de "botar meu nome e o nome das coisas no papel" e de saber as coisas que "têm nome" aponta para a necessidade de um currículo funcional que lide com as práticas de letramento exigidas pela sociedade.

Reconhecimento da dignidade e cidadania, a frase "Acho que isso é ser gente. Quero usar aquele cartão como gente" é central. O currículo e a educação que ele propõe, é a via para o exercício pleno da cidadania e para o reconhecimento da própria dignidade humana, que se manifesta na capacidade de agir no mundo sem dependência.

Desse modo, o relato exprime o anseio por um currículo que não seja apenas acadêmico, mas, profundamente existencial, social e político, capaz de garantir a autonomia e a cidadania dos estudantes quilombolas no diálogo entre sua realidade local e os diversos modos de estar no(s) mundo(s).

O segundo relato escolhido, assim como o anterior, exprime aspectos essenciais sobre o currículo na perspectiva de comunidades quilombolas e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A educação como realização pessoal e legado familiar: A história da mãe que, aos 76 anos, aprende a ler pouco antes de morrer e o desejo de ler na igreja indicam que o currículo é visto como um caminho para a dignidade e a realização de um anseio de vida.



A alfabetização é um legado de superação que conforta o filho, mostrando que o aprendizado transcende a utilidade imediata e se torna um valor intrínseco.

O currículo como “portal vivo” de segurança e proteção, a necessidade de "pedir informação para um, para outro" e o medo de ser enganado ("para outro canto, você soltar no lugar que você não conhece") e sofrer "perversidade" sublinha a importância de um currículo que ofereça letramento para novas interpretações da realidade e para a autonomia social. O **não saber ler**, nesse contexto, torna o indivíduo vulnerável à manipulação e ao perigo em ambientes externos à comunidade.

O letramento como chave para a autonomia no deslocamento, a dificuldade de se locomover e a dependência de terceiros para ir a lugares como Salvador demonstram que o currículo deve prover o letramento funcional necessário para decifrar placas, nomes de lugares, horários de transporte e, assim, garantir a livre circulação com confiança e novas aspirações.

A luta contra a "agonia" da ignorância, o relato está carregado de "agonia" e "luta". O desejo de "morrer feliz quando eu souber a ler" reflete a percepção de que o não saber é uma carga emocional e social pesada. O currículo é o meio para aliviar essa agonia, sendo uma ferramenta de libertação. Por isso, é um **currículo com sujeitos!**

Com a função social e emancipatória do currículo, o estudante reconhece a importância de sua força de trabalho ("minha perna, minhas mãos") e sua fé, mas o aprendizado da leitura e escrita é o que falta para completar sua emancipação e felicidade. O currículo, portanto, deve ser crítico, reconhecendo os saberes já existentes do estudante, adicionando as ferramentas simbólicas, o letramento, necessários para interagir plenamente com a sociedade.

Inconclusa é essa experiência, pois, faz parte de um projeto amplo, mas, anuncio como possibilidade de pesquisa e de continuas reflexões. Lembrando que, para Freire, a escrita era um passo, mas, o verdadeiro propósito da educação era a emancipação através da capacidade de agir e mudar o mundo, a **ciranda busca as vozes** dos sujeitos, portanto, valora suas leituras de mundo, expressa pelo universo vocabular. É notório, que as “vozes quilombolas” exprimem modos de resistência que afetam a concepção emancipatória de currículo. Fazê-lo, profundamente humanizador, ligando a alfabetização à segurança, à autonomia, à dignidade pessoal e à realização de uma vida plena são os desafios desta geração de educadores, lutando em contextos de múltiplas disputas.

Palavras-chave: EJA; quilombola; escuta; ciranda.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriano. O Outro lado da Baía: a gênese de uma rede urbana colonial. Salvador. Edufba, 2013.

ANDRADE, Thaís Oliveira. Memórias e Tradições Orais da Comunidade Quilombola do Monte Recôncavo. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos, Povos indígenas e Culturas Negras) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Campus I. Salvador, 2022. Disponível em:

<https://saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/4115> Acessado em: 23 out. 2025



CAMPANA, Maristela Albertini Loureiro. *Ciranda: do canto de roda ao universo composicional contemporâneo*. 2011. 129 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2011. Disponível em:

<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/95155> Acessado em 23 out. 2025

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não* [recurso eletrônico] cartas a quem ousa ensinar. 24. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MARINHO, Andrea Rodrigues Barbosa. **Círculo de cultura**: origem histórica e perspectivas epistemológicas. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-155120/>. Acesso em: 23 out. 2025.